

XILOGRAVURA: POSSIBILIDADES DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Cleber Koch¹

RESUMO

O presente artigo, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do autor, aborda a xilogravura e suas possibilidades no ensino da arte na educação de surdos. Com oficinas de xilogravura ministradas para um grupo de alunos surdos da 8ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Especial² para surdos em Novo Hamburgo, este estudo apresenta a história e a técnica xilográfica, imagens de obras e nomes de importantes artistas e o seu emprego em dois trabalhos: um de temática livre e outro orientado, através do contexto do livro “O Feijãozinho Surdo”, pertencente à literatura surda, outro âmbito abordado.

Palavras-chave: Xilogravura. Ensino da arte. Surdos. Literatura surda.

ABSTRACT

This article, the result of work conclusion of course the author addresses the woodcut and its possibilities in art teaching in deaf education. With workshops woodcut taught to a group of deaf students in the 8th grade of elementary school, in a special school for the deaf in Novo Hamburgo, this study presents the history and technique of the woodcut, images of works and names of important artists and their application in two work: one free theme and another driven by the context of the book “O Feijãozinho Surdo”, belonging to the deaf literature, another area addressed.

Keywords: Woodcut. Art teaching. Deaf subjects. Deaf subject literature.

¹ Cleber Koch (São Sebastião do Cai/RS). Professor da rede estadual de educação básica do Rio Grande do Sul. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Feevale, 2012. E-mail: cleberkoch@hotmail.com.

² Escola Estadual Especial Keli Meise Machado. Novo Hamburgo/RS.

1 INTRODUÇÃO

Considero a arte um meio entre o homem e a expressão. Possibilitando a produção da criatividade, desenvolve mentes, sensibiliza para a vida e é de fácil acesso a qualquer condição física e mental humana. Na presente pesquisa, abordo justamente o fato de a arte poder ser desenvolvida por qualquer pessoa, independentemente de gênero, idade ou limitação, e ainda contribuir para o desenvolvimento de aprendizagem de um sujeito. Ao destacar um público distinto em sua condição física, refiro-me ao trabalho que desenvolvo, há quase dois anos, com alunos surdos numa escola especial. Sou professor de artes de turmas de surdos do ensino fundamental e remeto este estudo à investigação acerca da percepção desse sujeito em relação à arte, especificamente à xilogravura.

O sujeito surdo, tachado pelo senso comum como deficiente, é capaz de conhecer e dominar qualquer área de estudos, inclusive a arte. Abrangendo os procedimentos técnicos e criativos da xilogravura, que se define pelo corte de uma imagem sobre a madeira e o resultado de sua impressão sobre algum suporte, procuro perceber como esse sujeito, que possui cultura e identidade próprias, percebe esse método artístico e quais as possibilidades de aplicá-lo a esse público de maneira satisfatória e útil para o seu processo de ensino-aprendizado.

Primeiramente a pesquisa é constituída de um estudo acerca da história e dos procedimentos técnicos e artísticos que envolvem a xilogravura, método pelo qual inúmeros artistas criaram e ainda criam obras na contemporaneidade. Na investigação que abrange a xilogravura no ensino da arte destinada a alunos surdos, questiono a necessidade da criação de novos sinais em Libras³ que definam alguns termos que envolvam a explicação da técnica.

Volto-me também à questão metodológica do ensino da arte, destacando Ana Mae Barbosa e a Proposta Triangular, que visa ao conhecimento através da história da arte, à fruição⁴ de imagens e ao fazer artístico. O público-alvo desta pesquisa

foram os meus alunos surdos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola Especial de Novo Hamburgo, na qual leciono desde 2012.

Por fim, foco na prática desta pesquisa, que se ateve ao desenvolvimento de oficinas de xilogravura aos discentes. Inicialmente proponho a conceituação do assunto, a análise e a interpretação de trabalhos xilográficos, a apresentação de alguns artistas da área e, num segundo momento, o lançamento de dois trabalhos: um de temática livre e outro orientado, baseado no estudo do livro “O Feijãozinho Surdo⁵”, pertencente à literatura surda, outro contexto abordado. Desenvolvidas as propostas de ensino, procuro analisar, qualitativamente, como esses sujeitos perceberam os procedimentos criativos e técnicos da xilogravura.

2 GRAVURA - BREVE HISTÓRICO

Podendo ser considerada a primeira forma de arte, a gravura acompanha a história da humanidade há aproximadamente 100.000 anos, segundo estudos voltados a essa temática. Os egípcios e os chineses utilizavam a técnica da gravação de imagens em suportes diversos desde o século II. No contexto artístico, foi a partir do século XV, na Europa, que a gravura se impôs como arte. Conforme ressalta Antônio Costella (1984), “além de já servir como meio para divulgação de imagens religiosas e para a impressão de cartas de baralho, ela veio a substituir o manuscrito e a iluminura”.

Tratando de conceitos dessa técnica, Lurdi Blauth (2011, p. 24) destaca:

Em um sentido geral, a gravura resulta do gesto indireto do artista, que introduz incisões, sulcos e marcas sobre uma matriz, cuja superfície é transferida para um outro suporte. E é nesse sentido que a gravura não é um procedimento direto, pois os resultados não são imediatos como em uma pintura, por exemplo. As marcas gravadas sobre a matriz serão reveladas na imagem de forma invertida, no momento de sua transposição.

Especificamente tratando da xilogravura, essa técnica tem suas origens no Oriente, na China, onde era usada para imprimir orações budistas e papel

³ Língua Brasileira de Sinais.

⁴ Refiro **fruição** como a análise de obras e trabalhos de artes, sua leitura e interpretação segundo o seu significado, a localização temporal e espacial, a autoria e a avaliação.

⁵ **O Feijãozinho Surdo**. Livro pertencente à Literatura Surda de Liège Gemelli Kuchenbecker (2009).

moeda. Foi lá que surgiu o primeiro livro impresso pelo homem: o “Sutra Diamante”, de Wang Chieh. Na Europa, ela surge no século VI, com a função de imprimir imagens.

Partindo do pressuposto de que a xilogravura surgiu desempenhando um papel meramente utilitário, diferentemente de hoje, trago Costella (1984, p. 45):

Embora a xilogravura continuasse utilitariamente obrigada a cumprir uma função descritiva de relato escrito, mais e mais foram se colocando questões estéticas. Os gravadores, a par de cumprir a explicação do texto, embrenharam-se aos poucos em preocupações de composição e desenho. A gravura de madeira já estava com um pé em cada canoa, a utilitária e a estética, quando eclodiu, enfim, o talento de Dürer.

Com o passar dos séculos, surgiu o período de ouro do entalhe em madeira: 1855 a 1875. Novas técnicas foram criadas e métodos aperfeiçoados, principalmente devido à crescente demanda da ilustração. Com esse crescimento e as inovações, surgiram técnicas que dispensaram o bloco de madeira para impressão.

Mesmo assim, até o século XX, muitos foram os artistas influenciados pela xilogravura da antiguidade para suas criações e pode-se dizer que esta teve um papel importante em novos movimentos estéticos na pintura, como o Expressionismo e o Fauvismo. Grandes nomes das artes plásticas podem ser mencionados quando o assunto é xilogravura: Paul Gauguin (França, 1848-1903), Edvard Munch (Noruega, 1863-1944), Pablo Picasso (Espanha, 1881-1973) e Wassily Kandinsky (Rússia, 1866-1944).

No Brasil, Costella (1984, p. 83) traz que:

Não será um erro afirmar que os primeiros xilógrafos a atuar no território brasileiro foram os índios. Em várias tribos observou-se o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, sinais e figuras no corpo humano e, algumas vezes, mais raramente, para estampar peças de indumentária.

No século XX, a xilografia estabeleceu-se nacionalmente como uma arte plástica, principalmente no sul e no sudeste. No nordeste,

passou a ser utilizada como ilustração dos folhetos de cordel. A literatura de cordel pode ser considerada como uma versão tipografada de uma longa tradição oral.

Na contemporaneidade, a xilogravura brasileira é formada por diversas influências externas, mas também por criações nacionais. Como cita o curador da mostra xilográfica do Santander Cultural: *Impressões: Panorama da xilogravura brasileira*, Rubem Grilo (2004, p. 23): “o interesse por seu uso acontece no conjunto das formulações originárias do Modernismo”. Entende-se que o Modernismo foi um reflexo brasileiro do que ocorria na Europa em termos de mudanças, e a xilogravura acompanhou esse processo de transformação iniciada principalmente pelo trabalho gráfico de Lasar Segall (1891-1957) e Oswald Goeldi (1895-1961).

Tão importante quanto essa influência europeia no processo criativo dos artistas xilográficos brasileiros foi a contribuição da xilogravura popular, definitiva na construção da identidade dos distintos povos que formam nossa nação e suas histórias, que, dessa forma, puderam ser registradas.

Segundo Ricardo Resende (1962), no livro *Gravura: A Arte Brasileira do Século XX* (2000, p. 203), a gravura deixa de ser um meio de reprodução de imagens e passa a ser uma das formas “prediletas dos artistas se expressarem e se expandirem para outras linguagens”, demonstrando o quanto essa técnica pode ser desenvolvida de forma criativa e artística.

3 A ARTE-EDUCAÇÃO, O PROCESSO CRIATIVO E O SUJEITO SURDO

Como em qualquer outro trabalho artístico, o conhecimento e o domínio da técnica são fundamentais no sentido de permitir ao seu fazedor expressar-se totalmente. Porém, a técnica deve ser considerada somente como um instrumento a ser dominado e, sendo assim, usada de forma criativa e não automática. Remeto esta pesquisa, neste momento, à arte-educação, ao processo criativo e aos sujeitos abordados: os surdos.

Segundo Ana Mae Barbosa (1978, p. 90 e 113):

[...] antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade. O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo

modo como o professor e o aluno vêem o papel da arte fora da escola. [...] A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos.

De extrema importância no currículo escolar, a disciplina de artes pode auxiliar, através dos seus “processos afetivos” (BARBOSA, 1978, p. 90), na aprendizagem das outras disciplinas, desenvolvendo cognitiva e sensivelmente o sujeito que recebe essa educação. Além disso, através da disciplina de artes, referido pela própria autora (BARBOSA, 1978), o educador pode fazer proposição temática ligando o ensino da arte com diversos outros assuntos e áreas do conhecimento. Ademais, no que se refere ao papel da arte na educação, existe uma íntima ligação entre a formação cultural humana e as diferentes manifestações artísticas de cada povo, gerando distinções entre os métodos de ensino-aprendizagem em lugares diferentes.

Remetendo a pesquisa à aplicação metodológica do seu desenvolvimento, trago Ana Mae Barbosa (1942) e sua abordagem quanto ao ensino das artes: a Proposta Triangular, “que consiste no processo que apresenta as melhores condições de proporcionar um ensino de artes baseado no conhecimento da cultura visual e na concretização da alfabetização artística” (apud CAROLINE BERTANI DA SILVA, 2002, p. 62).

Na Proposta Triangular, segundo Barbosa (2002, p. 37):

A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que as obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico.

Portanto, apoiado pela metodologia da Proposta Triangular, desenvolvi as aulas aplicadas aos alunos surdos através da história xilográfica, seguida da leitura de imagem de obras de alguns artistas e, por último, o fazer artístico. A técnica, cuja execução se dá através de materiais não convencionais no cenário das aulas de artes, como madeira, goivas, rolos de borracha e tintas diferenciadas, tornou-se bastante atraente aos discentes.

Primeiramente é importante deixar que os alunos experimentem livremente as ferramentas sobre a madeira, percebendo cada tipo de corte e também a resistência ou flexibilidade da matriz. Nesse processo, os alunos percebem que gravar na madeira significa cavar, criar sulcos e que, depois de entintar e imprimir no papel, esses sulcos ficarão em branco, pois a tinta só se fixa na superfície, onde estes não foram feitos. Essa importante questão age cognitivamente no senso lógico do indivíduo, pois ele perceberá que o que for gravado no lado direito da matriz, depois de impresso, estará invertido e, portanto, ficará do lado esquerdo. Se forem gravadas palavras, terão que ser gravadas de forma espelhada, para que o resultado, no suporte, fique correto.

Enfatizando agora ao processo criador, Fayga Ostrower (2001, p. 5) considera “a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades”. A criatividade não se restringe à arte, porém é através dela que o sujeito consegue expressar sua amplitude intelectual e emocional visualmente.

“A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural” (OSTROWER, 2001, p. 5). Sendo assim, a cultura na qual determinado sujeito está inserido o influencia e reflete em seu desenvolvimento criativo e, posteriormente, no que se refere à arte, nos resultados práticos de suas ideias. Além da cultura, a educação visual também influencia na compreensão da arte e, conseqüentemente, no desenvolvimento do ato criador.

Na xilogravura, o processo criativo toma forma durante o seu desenvolvimento, podendo o discente/aprendiz elaborar um projeto, ou não, e guiar-se pelas distintas formas de criação, experiências estéticas e técnicas. O processo de execução de uma xilogravura sempre é uma fonte de descobertas. A cada prova que se faz, surgem opções que farão com que os resultados sejam inesperados, às vezes adversos e não como planejados a princípio.

No que diz respeito à prática xilográfica, ela exige do gravador/artista disciplina desde o trato com os materiais (que podem ser considerados mais grotescos do que os de pintura, por exemplo), até os cuidados finais com o trabalho. Para complementar, conforme Anico Herskovits (1986, p. 151), “a madeira tem vida própria e cabe ao artista deixar que ela fale por si só”. Ademais, a gravura como

um todo possui uma linguagem própria, cabendo ao artista compreendê-la e fazer com que seu espectador também a compreenda. Para concluir, o processo criativo baseia-se no projeto proposto pelo seu fazedor, ou no não projeto, e no domínio da técnica.

4 A ARTE E O SUJEITO SURDO

Pensar no ensino da arte direcionado para um público de alunos surdos é abrir muitos caminhos, perguntas e respostas. A arte é importante para qualquer pessoa, tenha ela a peculiaridade que for e, nesse contexto, ela deveria ser acessível a qualquer público. Barbosa (2002) remete o valor da arte como algo que deveria ser, a cada dia, mais compartilhado entre todos e não apenas a um seleto grupo de classes que têm acesso à cultura e aos espaços como museus e teatros, por exemplo.

Tratando da arte e do indivíduo surdo, conforme Ana Luiza Caldas (2006, p. 3 e 4):

Difícilmente encontramos crianças surdas comentando sobre os mestres da pintura como Da Vinci, Picasso, Van Gogh, Portinari e outros. Quando sabem demonstram uma dificuldade de expressar suas compreensões sobre os temas, os assuntos, as épocas e os artistas. Isto provavelmente acontece pelo fato dos surdos não terem acesso de qualidade, como intérpretes, legendas ou orientações em Libras, nas mídias, e outros espaços sociais e privados, que divulgam, neste caso específico, as artes.

Entre outros fatores considerados como barreiras entre o surdo e a arte, está sua percepção de mundo, que é distinta da dos ouvintes, e a formação dos arte-educadores atuantes nas escolas de surdos, que precisam ter conhecimento da cultura surda como um todo, desde o domínio da língua até as diferentes formas de comportamento. De um modo geral, a arte-educação para surdos, por parte dos educadores, precisa ser considerada no âmbito de compreensão da língua e, conseqüentemente, da própria cultura deles. Assim como em outras disciplinas, os profissionais da área precisam conseguir se comunicar fluentemente com os discentes para um bom ensino-aprendizado. Também, no ensino da arte, é importante que os professores passem pela experiência de realizar determinado trabalho, para, então, transmiti-lo para os alunos, sendo que os surdos aprendem com mais

facilidade quando visualizam a execução das tarefas a serem compreendidas e cumpridas.

Focando o cenário escolar, este “necessita trazer novas informações e experiências da arte para desafiar as crianças em Libras. Questionar, pensar, responder, criar e recriar, possibilitando na criança, a partir das múltiplas linguagens, a experiência do filosofar” (CALDAS, 2006, p. 11), tornando-se mais sensível, crítico e culto. Logo, o contato do surdo com as artes é considerado de extrema importância, já que é visualmente que eles sentem e entendem o mundo e a sociedade em que vivem.

Quanto à cultura surda, de existência comprovada por alguns autores e da própria comunidade surda, diferencia-se das demais através de valores, estilos, atitudes e práticas diferentes. Os sujeitos compõem grupos sociais que têm interesses, objetivos, lutas e direitos em comum. Segundo Karin Lilian Strobel (2008, p. 24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Considerando como um dos “artefatos” (STROBEL, 2008, p. 24) da cultura surda a língua desses sujeitos, esta se torna um elemento fundamental na comunicação entre eles e o resto do mundo. A Libras é uma das principais marcas da identidade surda, “é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal” (STROBEL, 2008, p. 44).

Libras é a língua materna dos indivíduos surdos brasileiros. Articulada através das mãos, é composta, assim como nas línguas orais, de elementos de níveis estruturais, morfológicos, semânticos, fonológicos e sintáticos. Apesar da não popularização da Libras entre os ouvintes e até mesmo os próprios surdos, essa língua pode expressar tanto ideias concretas como abstratas. Para a tradução da Libras para o Português, é necessário um vasto conhecimento estrutural e gramatical para que se possa combinar os sinais de modo inteligível.



Figuras 1 e 2 - Autor desconhecido, Sinal de desenho em Libras
 Fonte: <<http://virtuale.feevale.br/virtuale2/sistema/biblioteca/>>.

5 ENSINO-APRENDIZADO: XILOGRAVURA COMO METODOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A metodologia desta pesquisa abordou a arte-educação, a xilogravura e sua execução a partir da ilustração de um livro da literatura surda e foi definida como elemento da produção de um determinado conhecimento. Abordando fatores como pesquisa, investigação de conhecimentos e do público ao qual seria aplicada, experimentação prática e o seu emprego em um projeto proposto, a metodologia serviu de “ferramenta capaz de auxiliar a entender o processo de busca de respostas e o próprio processo de nos posicionarmos adequadamente com perguntas pertinentes” (PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de, 2009, p. 19).

O público-alvo do estudo foram alunos da 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola especial para surdos na cidade de Novo Hamburgo. Num grupo de nove alunos, entre 14 e 21 anos de idade, os conteúdos trabalhados foram adaptados de forma que a Libras desse conta de explicá-los por completo. Para ilustrar esse fator,

cito a técnica trabalhada com eles: a xilogravura. Para uma pessoa ouvinte, esse conceito se torna facilmente compreensível, significando um tipo específico de entalhe na madeira e impressão desta em um determinado suporte. Para os surdos, essa explicação precisa ser diferente: é um desenho feito na madeira com ferramentas que a cortam para, depois, nela passar-se tinta, colocando-a sobre uma folha de papel e apertando-a para obter uma cópia, uma reprodução da imagem. A diferença com minuciosas explicações, e não a simplificação, é que conta nesse contexto. Para tanto, tive que, juntamente com os alunos, criar um sinal para a palavra xilogravura. A Língua Brasileira de Sinais não possui sinais para determinadas palavras, dessa forma, explicando aos alunos do que se tratava, eles entraram num consenso e criaram sinais para definir xilogravura.

A xilogravura é o corte de uma imagem sobre a madeira e o resultado de sua impressão sobre algum suporte. Objetivando esse amplo significado da palavra, conclui-se então a sua determinação em Libras: é um desenho na madeira, segundo os alunos.

6 PROPOSTAS DESENCADEADAS

As oficinas desenvolveram-se durante cinco semanas, entre os meses de setembro e outubro de 2012, nas quais foram sendo abordadas cada prática xilográfica. Como atividade inicial, fiz uma apresentação (em PPT) com a história e os conceitos da técnica abordada, o nome do artista xilógrafo mais antigo, Albrecht Dürer (1471-1528), e, na sequência, artistas mais recentes foram citados, como Paul Gauguin (FRANÇA, 1848-1903), Edvard Munch (NORUEGA, 1863-1944), Pablo Picasso (ESPANHA, 1881-1973) e Henri Matisse (FRANÇA, 1869-1954). As imagens das obras xilográficas dos artistas sempre eram apresentadas junto a eles, pois, sendo assim, os alunos tiveram contato visual que auxiliou na compreensão para o desenvolvimento do seu processo criativo. Também apresentei um vídeo que mostrava o passo a passo da técnica xilográfica: *Como fazer xilogravura*⁶. Além disso, mostrei uma artista brasileira bem conceituada nesse âmbito e apresentei o DVD *Arte na Escola - "Gravuras de Maria Bonomi"* (2005).

Depois de todo o estudo teórico, realizei uma demonstração prática para os discentes, na qual utilizei uma chapa de madeira de MDF, uma goiva, um rolo, tinta, colher de madeira e papel, expressando exemplos bem simples como linhas retas e curvas.

Nessas atividades introdutórias, fica visível o uso de dois dos conceitos que formam a Proposta Triangular de Barbosa (1942): o contexto histórico-artístico e a leitura de imagem. A autora ressalta em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte* (BARBOSA, 2002, p.35):

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Através do contexto histórico, os alunos compreendem o surgimento e as finalidades da xilogravura nos diferentes tempos, assim como

também passam a conhecer suas técnicas e os procedimentos. Na leitura de imagem, conhecem artistas e seus trabalhos, que podem servir de inspiração para possíveis criações.

Como primeira atividade prática, disponibilizei os materiais usados para fazer xilogravura, como goivas, a própria madeira, os rolos e a tinta, para que os alunos os experimentassem de forma livre. Solicitando um trabalho concreto com alguma ideia criativa, expliquei as duas maneiras de se preparar uma gravura: com projeto ou trabalhando diretamente sobre a madeira, sem planejamento. Dessa forma, os alunos puderam criar livremente conforme sua bagagem artística e as experiências estéticas, porém sem descuidar da qualidade técnica que uma xilogravura exige e a questão da inversão de imagens.

Na segunda e última parte do trabalho prático, os discentes criaram em xilogravura a partir de um livro da literatura surda. Tendo por base as experiências estéticas e as técnicas adquiridas nas atividades anteriores, os alunos criaram um trabalho em xilogravura a partir de um trecho do livro da literatura surda: *O Feijãozinho Surdo* (2009). Além disso, no momento da impressão, os discentes tiveram que fazer uma edição⁷ (ou tiragem) de seus trabalhos xilográficos para a criação de álbuns, um para cada aluno, com a história do livro, em ordem, com suas criações.

Em relação à literatura surda, menciono Strobel (2008, p. 56):

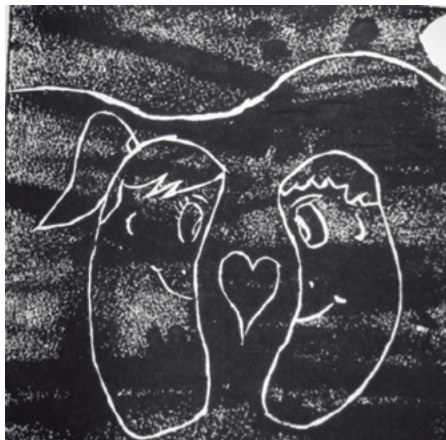
[...] ela traduz a memória das vivências surdas através de várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais.

Assim sendo, os alunos tiveram conhecimento de um livro que faz parte de sua cultura e puderam aplicar os conhecimentos xilográficos adquiridos até o momento nas oficinas.

Durante o desenvolvimento do trabalho, distribuí um trecho do livro para cada aluno e, a partir de cada um, tiveram que criar ilustrações

⁶ Disponível em: trabalhodeartesdoliceu.arteblog.com.br.

⁷ Conjunto de vários trabalhos xilográficos iguais e originais feitos a partir de uma única matriz.



Figuras 3 e 4 - Trabalhos dos alunos.
Fonte: arquivo pessoal

e passá-las para a madeira. Depois disso, dando sequência à técnica, começaram o processo de entalhe e, em seguida, o entintamento e a impressão sobre suportes de papel de tamanho A4. Dessa vez, tiveram que fazer uma edição de xilogravuras, considerando que, posteriormente, seria montado um álbum para cada aluno, contendo os trabalhos xilográficos de cada um, respeitando a sequência do livro.

Acrescentando muito ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos em questão, as propostas xilográficas lançadas nessa última atividade, além de colocarem os discentes à prova do que aprenderam no início do trabalho, possibilitaram-lhes conhecer e vivenciar um pouco da literatura surda. Incentivados pelo uso de técnicas e materiais dos mais diversos, os alunos surdos mostraram-se capazes de adquirir o conhecimento oferecido e transformá-lo em fazer artístico.

7 CONCLUSÕES

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de verificar como os alunos surdos percebem a xilogravura e seu papel na qualidade de arte. Sendo uma investigação acerca da xilogravura como método de ensino-aprendizado do ensino da arte de sujeitos surdos, trago a importância das formas artísticas a qualquer público. Referindo-me aos surdos, a questão técnica, criativa e artística da xilogravura muito os incentivou e interessou, despertando curiosidade e vontade de fazer sempre mais e melhor, considerando que a

técnica é complexa e utiliza materiais distintos dos convencionais nas aulas de artes.

Tratando do público-alvo, é indispensável a linguagem visual, tanto no que se refere à sua língua-mãe (a Libras, que, por si só, já é uma linguagem visual) quanto à visualização de imagens cotidianamente, fazendo com que perceba o mundo de forma mais abrangente, já que lhe é restrito o sentido da audição. Nesse sentido está a importância da apresentação da história da xilogravura com imagens e explicações adaptadas para a forma de entendimento desse público. Igualmente consideráveis são as demonstrações práticas de como é o processo de desenvolvimento da técnica, começando pela nomenclatura dos materiais até a forma de como usá-los corretamente.

Na parte prática, os discentes tiveram contato com todos os materiais e puderam experimentá-los de forma mais vaga, despertando, assim, seus processos criativos, pois puderam fazer um trabalho de temática livre. Encantadora e ao mesmo tempo complexa, a técnica xilográfica trouxe muitos conhecimentos específicos aos seus fazedores. Dentre eles, está a exploração dos diferentes materiais e suas composições, a parte cognitiva e o senso lógico, pois os alunos notaram que tudo que foi gravado de um lado da matriz, depois de impresso, saiu invertido. Além disso, a abordagem da literatura surda, que faz parte da própria cultura de seus sujeitos, serviu de base para a aplicação dos conhecimentos técnicos adquiridos ao longo do processo.

No processo de ensino-aprendizado, além de assimilar os conceitos técnicos, os discentes puderam desenvolver sua criatividade, tanto na parte do trabalho de temática livre quanto no orientado a partir do trecho do livro. Considerando esses dois processos, afirmo que tanto um quanto o outro foram bem compreendidos e desenvolvidos por todos os alunos. Na parte social da questão, é bastante significativo mencionar o quanto os alunos se aproximaram fazendo esses trabalhos. Inicialmente as posições na sala eram distantes umas das outras, individuais. Posteriormente, com o desencadear dos processos xilográficos, eles foram se aproximando, ajudando uns aos outros e intervindo quando algo saía errado com o trabalho do colega. No final, quando os discentes escreveram os trechos do livro no verso de suas produções, alguns estavam bastante atrasados e, conseqüentemente, foram auxiliados e incentivados pelos colegas a terminar com maior rapidez.

Para finalizar o processo, fizemos uma apreciação dos álbuns xilográficos e dos trabalhos individuais de cada aluno. Junto a isso, vieram a consideração e o respeito pela produção artística do próximo, assim como a crítica que, mesmo nem sempre sendo positiva, faz parte do processo artístico.

Por minha parte, concluo afirmando a importância desses processos e de técnicas artísticas diferentes das convencionais para o ensino-aprendizado dos alunos. Considerando o domínio diário de “coisas novas” em todos os cenários contemporâneos, revelo-me preocupado em atrair a atenção de meus alunos, precisando procurar alternativas diferenciadas e novas possibilidades para o ensino da arte num tempo em que qualquer tecnologia artificial é mais atraente do que entrar em contato com algo material. Acredito que consegui desenvolver a parte cognitiva e criativa dos alunos surdos, assim como a interação entre eles como colegas.

REFERÊNCIAS

AUTOR DESCONHECIDO. **Sinal de desenho em Libras**. Disponível em: <<http://virtuale.feevale.br/virtuale2/sistema/biblioteca/>>. Acesso em: 18 out. 2012.

AUTOR DESCONHECIDO, **Sinal de madeira em Libras**. Disponível em: <<http://virtuale.feevale.br/virtuale2/sistema/biblioteca/>>. Acesso em: 18 out. 2012.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BLAUTH, Lurdi. **Marcas, passagens e condensações**: investigações de um processo em gravura contemporânea. 1. ed. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. 129, [1] p. (Coleção interfaces).

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **Arte e comunidade surda**: inscrições éticas na construção de saberes. A Transversalidade na Ética no Currículo. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2006. CD.

COMO FAZER XILOGRAVURA. Disponível em: <<http://trabalhodeartesdoliceu.arteblog.com.br/108171/Como-fazer-Xilogravura/>>. Acesso em: 03 out. 2012.

COSTELLA, Antonio. **Introdução à gravura e história da xilogravura**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 1984.

GRAVURAS de Maria Bonomi. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005, 1 DVD (23 min) (Coleção o mundo da arte).

HERSKOVITS, Anico. **Xilogravura**: arte e técnica. Porto Alegre: POMAR, 1986.

IMPRESSÕES: **panorama da xilogravura brasileira**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2004.

KOSSOVITCH, Leon; LAUDANNA, Mayra; RESENDE, Ricardo. **Gravura**: arte brasileira do século XX. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **O feijãozinho surdo**. Canoas: Editora da ULBRA, 2009.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SILVA, Caroline Bertani da. **Alfabetização artística**: a construção do olhar estético através da leitura de imagem. Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo, 2002. Passo Fundo: UPF, 2002.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Universidade Federal.